



**Ivan Vale de Sousa
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento
nas Letras, Linguísticas e Artes**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
DOI 10.22533/at.ed.2891902041	
CAPÍTULO 2	9
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
DOI 10.22533/at.ed.2891902042	
CAPÍTULO 3	18
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2891902043	
CAPÍTULO 4	34
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2891902044	
CAPÍTULO 5	47
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.2891902045	
CAPÍTULO 6	54
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902046	
CAPÍTULO 7	66
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2891902047	
CAPÍTULO 8	76
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902048	

CAPÍTULO 9	89
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2891902049	
CAPÍTULO 10	101
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020410	
CAPÍTULO 11	110
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020411	
CAPÍTULO 12	124
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
DOI 10.22533/at.ed.28919020412	
CAPÍTULO 13	136
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
DOI 10.22533/at.ed.28919020413	
CAPÍTULO 14	145
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020414	
CAPÍTULO 15	154
POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28919020415	
CAPÍTULO 16	165
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.28919020416	

CAPÍTULO 17	174
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro	
Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.28919020417	
CAPÍTULO 18	185
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.28919020418	
CAPÍTULO 19	192
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.28919020419	
CAPÍTULO 20	210
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior	
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28919020420	
CAPÍTULO 21	218
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
DOI 10.22533/at.ed.28919020421	
CAPÍTULO 22	230
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020422	
CAPÍTULO 23	244
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado	
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
DOI 10.22533/at.ed.28919020423	
CAPÍTULO 24	257
AS IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020424	

CAPÍTULO 25	267
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.28919020425	
CAPÍTULO 26	280
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020426	
CAPÍTULO 27	291
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020427	
CAPÍTULO 28	305
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020428	
CAPÍTULO 29	315
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira Maíra da Silva Gomes Maica Frielink Immich	
DOI 10.22533/at.ed.28919020429	
CAPÍTULO 30	324
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda Vicente Martínez Barrios	
DOI 10.22533/at.ed.28919020430	
SOBRE O ORGANIZADOR	335

BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM

Ivan Vale de Sousa

RESUMO: As aproximações entre os eixos teóricos e as ações referentes aos estudos da linguagem constituem as etapas reflexivas deste trabalho. E os objetivos norteadores deste artigo são: refletir as fronteiras discursivas do Círculo de Bakhtin e as concepções de língua e linguagem; entender como a língua constitui-se como conceito-chave do pensamento de Bakhtin; ponderar as reflexões bakhtinianas ao contexto das práticas pedagógicas e propor o lugar epistemológico das contribuições de Bakhtin no contexto da sala de aula, a partir dos gêneros do discurso tendo em vista o legado bakhtiniano no ensino de Língua e base epistêmica deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteiras discursivas. Círculo de Bakhtin. Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Discutir o que é relevante de Mikhail Bakhtin no entendimento das concepções de linguagem significa partir das fronteiras discursivas entre a conceituação de *língua* e *linguagem* tanto no estabelecimento de horizontes reflexivos quanto na postulação dos enunciados formulados pelos usuários da

língua, inseridos no contexto comunicativo e interativo da construção linguística.

Tomar como ponto de partida os contextos de uso e dialógico da língua é entender que as variadas formas de comunicação na sociedade se adequam às necessidades dos sujeitos. Tais necessidades comunicativas inserem-se nas maneiras verbal, não verbal e sincrética da interação, compreensão dos signos e constituição das concepções de linguagem.

Compreender a usabilidade da língua é também perceber as formas como os sujeitos a utilizam para se expressarem, posicionarem-se e tomarem decisões. Se a língua, como estrutura discursiva, representa nossa identidade como pessoa, a linguagem, por sua vez, adequa-se às finalidades sociais de interação e à experiência comunicativa no contexto social, linguístico e interativo dos sujeitos.

Nesse sentido, o tratamento destinado ao ensino de Língua Materna no contexto escolar parte de uma proposta de autoconhecimento e autorreflexão em que os falantes com suas necessidades linguísticas e cidadãos interagem. De modo igual, as intervenções metodológicas mostram-se flexíveis ao contexto de formulação de conceitos do que é pretendido ensinar, proposto a aprender e possibilitado a refletir na escola e para além dela.

Considerando o plano de discussão deste artigo à luz da herança de Mikhail Bakhtin e voltada ao contexto de ensino e aprendizagem de língua, bem como da compreensão do discurso e do papel do sujeito como agente propiciador de enunciados, tomando o contexto da sala de aula como exemplo, estas reflexões estão estruturadas em três eixos discursivos e, essencialmente, necessários.

Estas reflexões estão divididas em três partes. Na primeira, os debates referentes à compreensão do Círculo de Bakhtin estabelecem as fronteiras de aproximação na abrangência compreensível do papel da linguagem. Na segunda, os termos *língua* e *linguagem* são revisitados à luz das reflexões bakhtinianas com a finalidade de alocar os espaços pertinentes a cada um como forma de interação e comunicação entre *locutor* e *interlocutor*. E, no terceiro e último eixo, as reflexões direcionam-se ao trabalho com os gêneros discursivos no contexto da sala de aula, na reafirmação relevante do legado de Bakhtin ao ensino de língua e das concepções de linguagem.

AS FRONTEIRAS DISCURSIVAS NO CÍRCULO DE MIKHAIL BAKHTIN

O aprofundamento nos debates contemporâneos diante da produção significativa de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin para o campo da linguagem tem-se intensificado cada vez mais, despertando o interesse de novos estudiosos nos postulados do autor. Além das muitas reflexões sobre a relevância de Bakhtin para o campo da linguagem, há ainda as que mantêm dúvidas quanto ao processo de autoria de alguns escritos do estudioso russo, entretanto, não é pretensão deste estudo discutir esta polêmica questão.

Apesar das muitas interrogações, sabe-se que as investigações referentes à identidade e à autoria dos muitos textos bakhtinianos rendem bastantes discussões, visto que as ponderações elucidadas no escopo deste trabalho não se aventuram na possibilidade de confirmar ou não as autenticidades quanto às incógnitas sobre a autenticidade dos manuscritos.

E a finalidade máster estabelecida na realização deste estudo parte do desvelamento e da agregação relevante dos estudos e das proposições discursivas de Mikhail Bakhtin para o contexto contemporâneo de ensino e aprendizagem à luz das concepções de linguagem e do Círculo de Bakhtin¹ em uma proposta de fronteiras de seu legado, porque “vivencia-se essa fronteira externa na autoconsciência, isto é, em relação a si mesmo, de modo essencialmente diverso do que se vivencia em relação a outro indivíduo” (BAKHTIN, 2011, p. 34).

A realização por meio da linguagem se faz a partir da interação com o outro, em que as fronteiras entre um *eu* que fala se aproxima das fronteiras de um *tu* que responde e interage. Nesse sentido, ao lançar luzes sobre os estudos bakhtinianos

1. De acordo com Brait (2016, p. 1-2) o Círculo era composto pelos seguintes estudiosos: Mikhail Bakhtin, Valentin N. Volochínov (1895-1936), Pável N. Medviédev (1891-1938), Matvei I. Kagan (1889-1937), Liev V. Pumpiánski (1891-1940), Ivan I. Sollertínski (1902-1944), Maria Iúdina (1899-1970), K. Váguinov (1899-1934), Borís Zubákin (1894-1937), I. Kanaev (1893-1983).

faz-se necessário também relativizar e reconhecer as fronteiras referentes aos debates no campo da linguagem. Partindo desse pressuposto, carece de esclarecer a relação entre ideologia e dialogismo, bem como o que caracteriza o chamado Círculo de Bakhtin, como sendo um grupo constituído de estudiosos que tinha a finalidade de debater e compartilhar os mesmos ideais linguísticos na postulação dos estudos referentes ao campo da linguagem.

Reconhecer a relevância do Círculo de Bakhtin na compreensão de que a linguagem parte de um processo de interação entre sujeito e língua significa perceber que a linguagem em uso sempre estará associada a contextos variados de experimentação, isto é, de usabilidade e, por isso, faz-se preciso repensar o conceito dialógico do Círculo na sinalização das relações entre língua, discurso, sujeito e contexto.

Ao sinalizar para estas questões, reflete-se o lugar epistemológico dos estudos referentes ao Círculo bakhtiniano com a proposição de possibilitar aos interlocutores inseridos em situações de linguagem e aos investigadores tomarem a língua como objeto de pesquisa e instrumento de compreensão do contexto e das heranças que o Círculo tem demonstrado para os estudiosos contemporâneos.

O Círculo de Bakhtin situa-se no contexto da episteme soviética, especialmente nas décadas de 20 e 30 do século 20. Inicialmente, não podemos falar de Círculo sem mencionar a importância da amizade entre seus membros (Bakhtin, Volochínov e Medvedev, entre outros não menos importantes) e seus escritos teórico-filosóficos, às vezes construídos a mais de duas mãos e, alguns, por meio de trocas de identidades sob pseudônimos, como forma de resistência à visão totalitária do stalinismo. (PAULA, 2013, p. 243)

A perpetuação do Círculo de Bakhtin, em um contexto mais amplo, pode ser entendida como proposta de resistência e da não aceitação de ideologias que estavam em vigência no período em que os estudiosos começaram a refletir e a estruturar os escritos para a posteridade.

De certa forma, em outras palavras, pode-se dizer que o Círculo de Bakhtin representou um movimento de vanguarda e trouxe significativas reflexões, sendo ainda, à época, uma forma de resistência, de reafirmação de ideais, do enaltecimento de concepções e ideologias. O entendimento que se tem do Círculo é que foi um movimento e “pode ser compreendido como um grupo multidisciplinar, mesmo que informalmente, voltado aos problemas da constituição da linguagem” (MOLON; VIANNA, 2012, 163).

Enxergar nas discussões postuladas pelo Círculo de Bakhtin as intersecções no propósito de trabalho com a linguagem significa também valorizar os esforços de outros estudiosos que se propuseram na ampliação das formas de olhar o trabalho de entendimento e realização das concepções de linguagem que projetou como um dos maiores expoentes Mikhail Bakhtin, o qual transita entre o papel de fascínio e enigma no que se refere aos estudos do discurso, da linguagem e dos enunciados.

A herança de Mikhail Bakhtin tanto para o chamado Círculo quanto para o contexto

brasileiro de compreensão da linguagem parte de uma contextualização produtiva soviética destinada às ciências humanas. Ao mesmo tempo em que os estudos de Bakhtin são fascinantes, também se inserem na complexidade, principalmente quando se principia o entendimento e o afloramento das obras bakhtinianas no contexto brasileiro e, mais ainda, aos estudos contemporâneos.

Examinar as fronteiras do pensamento de Bakhtin é aventurar-se na compreensão ideológica proposta pelo autor com a noção de dialogismo. E entender o papel bakhtiniano, nesse sentido, constitui o vislumbamento das muitas facetas do autor e de sua vasta produção em que o mote direcionador perpassa pela investigação e pela relação entre os sujeitos, os signos e a linguagem.

À luz dos estudos bakhtinianos, o sujeito é constituído mediante o princípio da dialogia, alternando-se na ocupação de outro lugar na interação, dependendo da postulação assumida como locutor e interlocutor do próprio discurso. Ainda na proposta de Bakhtin, o indivíduo transita entre os papéis social e individual, proporcionando ao processo de comunicação sua instauração, bem como da consciência das escolhas mediante os legados do Círculo de Bakhtin.

Sendo assim, nas propostas do Círculo e das incursões que nos foram deixadas é considerável perceber o sujeito como ser “social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento do Ser)” (FARACO, 2003, p. 83).

Partindo das múltiplas facetas de Mikhail Bakhtin, pressupõe-se a compreensão de uma das finalidades do Círculo que era a criticidade às correntes que, vez por outra, garantiam que a ideologia se constituísse como mero fenômeno da consciência humana, embora que o “dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos” (BRAIT, 1997, p. 98).

Compreendendo a lógica do discurso, os espaços de fronteira e epistemológico dos estudos de Bakhtin centralizam-no como agente essencial na compreensão da linguagem e da relação desta com os signos que se insere em dois planos dualísticos: o espacial e o temporal, porque se a língua na concepção bakhtiniana insere-se em um espaço (contexto), ela também se realiza na transição temporal, isto é, adapta-se às finalidades dos sujeitos, às necessidades e à contextualização de uso.

É característica do Círculo de Bakhtin nunca ter centrado suas concepções sobre a linguagem nos marcos da Linguística tradicional. Ao afirmar que a realidade fundamental da língua é a interação verbal, que se materializa por meio de enunciados concretos de sujeitos sócio historicamente, situados, o Círculo se deparou com as limitações teórico-metodológicas da Linguística tradicional e buscou superá-las. (MOLON; VIANNA, 2012, p. 162)

Clarificada como objeto/instrumento enunciativo-discursivo a linguagem na concepção de Bakhtin transita entre esses dois ideais, que não se realiza unicamente

mediante a postulação do plano verbal, mas, coaduna-se à noção de proposta não verbal, porque a imbricação desses dois planos propicia ao processo de interação e comunicação entre locutor, interlocutor e contexto uma cadeia de significações.

Muitos estudos têm falado bastante do Círculo de Bakhtin e dos inúmeros legados que tal movimento tem propiciado às investigações referentes à linguagem. Aproximando-se disso, os debates contemporâneos que estabelecem uma compreensão mais requintada do Círculo e da relevância dos estudos bakhtinianos tentam esclarecer o que chegou a constituir o chamado Círculo de Bakhtin.

Entender a relevância do Círculo para os estudos contemporâneos é necessário, pois não basta apenas falar do legado que nos foram trazidos, mas, esclarecer o que realmente foi o Círculo de Bakhtin. Nesse sentido, o Círculo revela-se como um grupo de estudiosos que discutiam e analisavam os escritos produzidos para o entendimento da linguagem, daí a necessidade de entender também que outros importantes nomes fizeram parte do Círculo.

Por ser um movimento de vanguarda, cujas finalidades eram refletir e discutir como a linguagem imbrica-se com as ações dos sujeitos, pontuar as contribuições de Bakhtin para os estudos inseridos no campo da linguagem faz-se preciso. À função epistêmica do Círculo instaura as noções de estruturalismo, estilística, bem como “o freudismo, a psicologia, o marxismo ortodoxo, na busca de reflexões inovadoras e diferenciadas sobre a linguagem, esse estudo encarrega-se da questão literária, seus métodos e, especial, da necessidade de uma perspectiva sociológica” (BRAIT, 2016, p. 21), coadunando-se com as reflexões do grupo.

As considerações que têm sido realizadas sobre o Círculo de Bakhtin nos possibilitam a compreender que, em dado momento, algumas reflexões entre os estudiosos interagem, sobretudo quando há a postulação da língua como um código que traz na sua unicidade a razão de estabelecimento e realização da comunicação entre os sujeitos.

Direcionando as reflexões para tais ideais de que a linguagem se efetiva na interação entre os sujeitos da comunicação, compreende-se de que maneira o enunciado produzido por determinado usuário se liga a outros enunciados, pois são os enunciados, de fato, que assumem a função de elos verbais na formulação e na ampliação de outros enunciados, porque na abordagem do Círculo de Bakhtin, a linguagem estabelece-se como ligações comunicativas.

FUNCIONAMENTO E CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM EM BAKHTIN

Pontuar o funcionamento e as concepções de língua e linguagem à luz das contribuições de Bakhtin significa *dizer o dito* que muitos pesquisadores e estudiosos já vêm fazendo, pois não existe apenas uma única concepção de linguagem, porém, diferentes eixos que direcionam para um mesmo fim.

As concepções de Bakhtin referentes à compreensão de *língua e linguagem* possibilitam que tenhamos a possibilidade de entender que ambos os sistemas de realização entre os sujeitos principiam dois esclarecimentos: o primeiro destina-se no entendimento da língua como identidade, que a torna marca própria do sujeito, enquanto a segunda se adapta aos anseios e perspectivas interacionais do indivíduo com o meio e dos múltiplos significados produzidos pelos signos e suas interpretações.

Dizer que a língua representa uma estrutura capaz de enxergar o lugar da identidade do sujeito é também compreender que a linguagem, na sua função comunicativa, produz uma cartografia discursiva entre os sujeitos em contextos multifacetados e próprios de uso.

Os pressupostos bakhtinianos a partir do Círculo e das muitas produções russas servem-nos como holofotes capazes de clarear as dúvidas que ainda insistem e perduram na lógica compreensível entre os termos *língua, linguagem e discurso*, porque “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 31).

Se compreendermos a língua como processo estrutural e capaz de marcar a identidade do homem na sociedade, a entenderemos muito além de um sistema gramatical e de seleção lexical. Nessa perspectiva, a língua representa uma estrutura viva e contínua na existência do indivíduo, o que nos aproxima das noções da língua como nossas marcas próprias, de discurso multifacetado e sujeito que se realiza na coletividade com o outro, na constituição dos signos e de suas marcas ideológicas.

O funcionamento de todo discurso, nesse sentido, está inserido nas concepções de mundo do sujeito e de como este interage, possibilitando a abertura dialógica e a interação com seus semelhantes na aproximação com as coerções enunciativas situacionais, sociais e históricas, sendo que as formulações discursivas do sistema enunciativo-discursivo inserem os sujeitos em situações reais de uso da linguagem a partir de suas adaptações.

Advogar que ocorre um processo de hibridização entre as ações dos sujeitos na produção de novos enunciados com a própria linguagem significa estabelecer uma aproximação entre o *fazer* e o *ser* na interação humana. Sendo assim, as formas discursivas materializam-se na ação linguística do indivíduo em que os discursos formulados por outrem sejam capazes de encontrar lugares dialógicos, epistemológicos e interacionais na comunicação estabelecida entre um *eu* e um *tu* interativos.

As contribuições de Bakhtin sobre *língua e linguagem* remontam o funcionamento da fala como estabelecimento do dizer entre locutor e interlocutor. Estes se encontram em uma dualística epopeia discursiva em que são despertados pelo contexto a produzirem a comunicação e a interagirem na defesa ou contestação das ideias-base do discurso formulado.

O indivíduo recebe da comunicação linguística um sistema já constituído, e qualquer mudança no interior deste sistema ultrapassa os limites de sua

consciência individual. O ato individual de emissão de todo e qualquer som só se torna ato linguístico na medida em que se ligue a um sistema linguístico (num determinado momento de sua história) e peremptório para o indivíduo. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 81)

A imbricação entre as funcionalidades assumidas pela língua e pela linguagem na comunicação entre os sujeitos como indivíduos dialógicos encontra lugar fértil nas práticas sociais em que o falante interage com a língua e se utiliza dela para manifestar as necessidades interdiscursivas com outros contextos e culturas.

Cada língua traz como marca identitária, suas peculiaridades e aproximações. No entanto, todas que, aliás, são muitas, cumprem unicamente uma finalidade essencial, estabelecem a comunicação entre os falantes do grupo social, sem omitir sua função complexa de entendimento que permitem aos “usuários da língua maior confronto em suas atividades discursivas” (MARCUSCHI, 2001, p. 9).

Para compreender a língua é necessário que ela esteja em uso e o entendimento da linguagem não se faz diferente. É preciso que esteja associada a determinados contextos verbais, não verbais e sincréticos de utilização como marcas representativas de estruturação do dizer do outro e nas possibilidades que o usuário linguístico encontra a partir da ambiência das tendências e conflitos assumidos pela língua em situações reais e significativas de concretização.

Muito tem-se a dizer sobre o entendimento de como *língua* e *linguagem* são compreendidas por Bakhtin, bem como as práticas de compreensão linguística são constituídas, pois “se a língua, como conjunto de formas, é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, segue-se ser ela o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, portanto, como toda instituição social, normativa para cada indivíduo” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 81).

O que atribui à língua marcas identitárias são, exatamente, as individualidades que cada usuário apresenta no contexto de interação. Somos, pois, seres sociais que problematizamos as nossas individualidades no plano coletivo das ideias do outro, na produção de enunciados, na ampliação dos nossos discursos e na mudança de nossas concepções ideológicas.

Se compreendermos as línguas como processos diferentes que trazem marcas culturais, ideológicas e filosóficas, seremos capazes de entendermos também que os sistemas enunciativos com suas diferenças e complexidades tanto na passagem dinâmica de investigar como a língua e a linguagem interseccionam-se quanto na efetivação dos sujeitos que à luz das reflexões bakhtinianas, do contexto verbal, interativo e comunicativo encontram seu lugar de interdiscurso, seremos capazes também de nos inserirmos na relação extra verbal como parte constituidora da linguagem, dos discursos e das ações enunciatórias.

BAKHTIN E OS GÊNEROS DO DISCURSO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Os gêneros do discurso contribuem com as diferentes formas de reler Bakhtin, sobretudo, no contexto da sala de aula. E fazer uma leitura de Bakhtin a partir das práticas pedagógicas significa enxergar as múltiplas facetas do autor, pois quando se trabalha com os gêneros do discurso no ensino de língua, ensina-se também aos sujeitos a encontrarem os lugares epistêmicos de ponderação das marcas enunciativas nos próprios discursos.

A mediação pedagógica no tratamento dado ao ensino de Língua Materna no contexto educacional, sobretudo, na educação básica tem-se valido das propostas interventivas de trabalho com a compreensão e a produção da linguagem a partir do desenvolvimento das habilidades de leitura, reflexão e escrita que a escola tem possibilitado cada vez mais o diálogo entre as intervenções e o contexto social do sujeito.

Nesse sentido, tornou-se trivial o trabalho com os diferentes textos na compreensão de como a linguagem se realiza. Todos os sujeitos, em situação de escolarização, passam pelo processo de conhecimento do plano global e das particularidades dos textos, doravante, denominados como gêneros textuais². Ora, toda e qualquer modalidade textual está inserida em um determinado gênero textual quando se objetiva ensinar a linguagem.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

Nossa relação com a linguagem a partir dos enunciados orais e escritos está inserida no estilo que se adequa ao nosso contexto, pois todos nós, de certa forma, temos uma realização de trabalho com o texto, já que este no contexto comunicativo se insere nos modelos verbais, não verbais e sincréticos. Quando aprendemos a escrever, aprendemos também a ler, a analisar o discurso do outro, a fazer nossas inferências e a estabelecer nossas conexões no trabalho intertextual dos múltiplos textos, entendidos como objetos ou instrumentos de discussão.

Entre as obras de Mikhail Bakhtin referentes ao campo da linguagem, há que se destacar à luz da sala de aula suas reflexões e estudos como forma de pensar o processo de aproximação entre teoria e prática em um mesmo contexto e, neste caso, na sala de aula. Não comporta neste trabalho discutir todas as obras e os legados deixados pelo autor russo, pois, faltaria espaço para uma profícua reflexão, contudo, há que se destacar as discussões referentes aos gêneros do discurso.

Os gêneros do discurso é o texto de Bakhtin que mais rendeu, e continua rendendo, 2. Para esclarecimentos não se pode confundir *gêneros do discurso* com *gêneros textuais*, pois não são sinônimos, visto que àqueles são mencionados por Mikhail Bakhtin e estes advêm da denominação utilizada por Luiz Antônio Marcuschi. Contudo, ambos os gêneros encontram espaço no contexto da sala de aula.

trabalhos e reflexões sobre o ensino da linguagem em uso, especialmente no Brasil, incluído em documentos oficiais e em materiais didáticos. Escrito em Saransk entre 1952-1953, detalha a distinção entre *oração*, no plano do sistema, e *enunciado* no plano da comunicação discursiva, apresentando as características do gênero. (BRAIT, 2016, p. 8, grifos da autora)

Reitera-se que a identidade deste trabalho não surgiu no acaso, mas no encontro entre as contribuições de Bakhtin na compreensão e intervenção do trabalho com a linguagem. Sendo assim, as reflexões propostas pelo pesquisador russo reafirmam os conhecimentos como necessários à orientação com o trabalho metodológico à luz dos gêneros do discurso e da efetuação dos enunciados da língua.

Trazer Bakhtin para a sala de aula é reconhecer a relevância dos estudos do teórico a partir de uma proposta dialógica com o contexto, bem como ampliar a conceituação sobre os entendimentos de língua que o professor carece de ter e aventurar-se na árdua, mas encantadora e transformacional arte de formar e orientar cidadãos para uma sociedade mais humana e menos digladiadora, pois a “riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 262).

No contexto da sala de aula, ensinar os signos e sua relação com a experiência dos sujeitos implica, ao mesmo tempo, conhecer como estes entendem o encadeamento que caracteriza o discurso como tal. Além disso, o trabalho com os gêneros do discurso reafirma que “é, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 36-37).

Entende-se, nesse viés, que a compreensão em torno dos termos *língua*, *linguagem* e *mediação pedagógica* não se constituem como discursos desarmônicos, todavia, como propostas de aproximação entre as compreensões do papel da língua e de sua relação com as linguagens, com os signos e suas ideologias sendo, pois, preciso a clarificação dos questionamentos que surgem na perpetuação metodológica entre as ações de ensinar e aprender Língua Materna na escola.

Postulando o ensino da linguagem, entendemos que usamos a língua como nossa marca de identidade e interagimos pelas marcas enunciativas da linguagem, visto que no âmbito escolar carecemos de mediações capazes de nos fazerem enxergar além, porque as “línguas naturais, como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade” (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2012, p. 16).

As incursões pedagógicas em sala de aula têm destinado, ultimamente, atenção ao trabalho de leitura, produção, compreensão, interpretação e a noção de intertextualidade entre os enunciados escritos e as diferentes linguagens. Ao propor o ensino de língua portuguesa à luz dos elementos constitutivos de abordagem e na sistematização da aprendizagem de língua, faz-se necessário considerar como a

teoria e a prática dialogam com o mesmo contexto de sala de aula.

Compreender de que forma o legado de Bakhtin é significativo para as práticas de linguagem no trabalho de sala de aula, implica repensar os olhares no trabalho aos gêneros do discurso que são apresentados pelo autor, bem como são categorizados nas reflexões propiciadoras de caminhos capazes de direcionar o fazer, o refazer, o planejar e o propiciar do percurso metodológico.

Nesse sentido, entende-se que nenhuma metodologia é realizada no acaso, porém, justificada entre o dizer e o fazer em sala de aula. Ao trazer Bakhtin para a sala de aula é necessário estabelecer conexões entre o olhar destinado ao ensino de Língua Materna e de suas funções, porque a “palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 42).

O fato é que nos expressamos por meio dos enunciados inseridos na língua, por isso, devemos entendê-la a partir da comunidade de uso. Por exemplo, para os falantes, tem-se a língua na sua estrutura fonética e fonológica; para os usuários com surdez, tem-se a língua na modalidade gestual-visual, a chamada Língua Brasileira de Sinais, identidade comunicativa da Comunidade Surda, ou seja, cada língua simboliza a necessidade de seus usuários que é comunicar e fazer-se ser entendido.

Os enunciados orais e escritos que fazem com que a língua se realize, no contexto da sala de aula, reafirmam que o conhecimento perpassa pela investigação aos gêneros do discurso em Bakhtin. Assim, o tratamento dado aos gêneros do discurso na sala de aula carece de ser realinhado, bem como o trabalho também com os gêneros de textos, pois a principal finalidade não é apenas a oferta do texto pelo texto, mas sim, a possibilidade de enxergar no plano verbal do texto o lugar de expressão de nossos anseios e de pontes dialógicas com nossos interlocutores.

Reiterando a relevância dos estudos bakhtinianos no contexto da sala de aula, o ensino de língua deve ser visto como proposta de interação e capaz de envolver os sujeitos inseridos nos mais variados contextos. Assim sendo, as intervenções pedagógicas com a leitura, a reflexão, o diálogo e a escrita carecem de estar situadas nas necessidades linguísticas dos falantes da língua, bem como das formas estabelecidas entre a linguagem, os signos ideológicos e o sujeito com suas vivências.

Ao trazer Bakhtin para as práticas de sala de aula significa enxergar como as proposições assumidas por ele transitam entre a função de pensador e, ao mesmo tempo, de interventor, em que o pesquisador russo se coloca como professor do próprio fazer metodológico de trabalho com a linguagem.

O *professor* tem uma proposta para ajudar os colegas de profissão a chegar aos alunos e torná-los *autores*: uma metodologia de ensino que relaciona gramática e estilística, articulando leitura, escrita, produção de sentidos e autoria. Ele mesmo, para promover um conhecimento ativo da língua em uso, observa e registra durante suas aulas o comportamento linguístico dos alunos, material que utiliza para preparar seus cursos. (BRAIT, 2016, p. 17-18, grifos da autora)

São as práticas de interação verbal que fortalecem o trabalho com a língua no

contexto da sala de aula. Tais ações devem ser capazes de politizar o conhecimento e permitir que os sujeitos além de interagirem, assumam lugares diferentes na formulação do discurso na língua em contexto de uso, desde que os enunciados se aloquem às necessidades do interlocutor.

E, na concepção bakhtiniana, os gêneros do discurso são categorizados em primários (simples) e secundários (complexos), porque a “relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia)” (BAKHTIN, 2011, p. 264).

Ao planejar o trabalho com os gêneros do discurso na concepção de Bakhtin, tendo como foco o contexto de experiência dos sujeitos, sugere-se que o tratamento principie das formas mais simples às contextualizações mais complexas. Compreender como a estilística se adequa aos propósitos de ensino, isto é, saber o que ensinar, como ensinar, porque ensinar, como e quando ensinar.

A cada proposta de ensino existe um plano intersubjetivo e com o aprendizado de língua não é diferente. Língua é interação, é instrumento de comunicação entre os sujeitos em contextos significativos, porque a “língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 128).

Subentendido a isso, os gêneros do discurso refazem-se continuamente nas práticas de sala de aula com as formas de ler, reler e utilizar as reflexões de Bakhtin no contexto multifacetado da escola, tornando-se necessários, portanto, partir das concepções de língua, linguagem, no tratamento direcionado ao trabalho epistemológico de produção, leitura, pesquisa e recepção das estéticas e poéticas constituídas no ambiente da sala de aula.

Assim, como o texto é uma forma de realização da língua, o discurso se adequa a esse propósito. Entender como a língua realiza-se nas práticas de linguagem na escola é, ao mesmo tempo, atribuir à significância do legado de Bakhtin os meandros do percurso educativo aproximados das correntes teóricas e debatidas na formação de professores com a prática cotidiana de sala de aula na contínua ampliação de nossas concepções referentes à língua, à linguagem e aos signos e suas ideologias linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O confronto entre os saberes teóricos com as experiências dos sujeitos e, neste caso, com os propósitos de sala de aula, possibilita a necessidade de promoção de uma filosofia da linguagem capaz de compreender que os usuários da língua carecem de ser mobilizados na busca do saber, como também na ampliação das concepções e das representações interativas entre os indivíduos.

Ao estudar a linguagem em uma concepção multifacetada, atribui-se sentidos ao que está sendo dito e na valorização do legado que nos fora deixado pelos estudiosos

que se aventuraram no desbravamento do contexto encantador e, muitas vezes, incógnito da língua. De modo igual, língua e linguagem não são apenas estruturas e capacidades dualísticas, todavia, são postulações que se encontram e se refazem no plano social e discursivo dos falantes.

Outra questão retomada neste estudo são as contribuições do Círculo de Bakhtin que muito têm a nos ensinar e a esclarecer o relevante papel do sujeito na perpetuação da linguagem. Sabe-se ainda que muitas reflexões à luz do Círculo poderão ser propostas no campo dialógico da linguagem e na significância função do sujeito na realização interativa.

Ao problematizar a herança dos estudos bakhtinianos para as práticas de sala de aula aventurada neste estudo, abrem-se comportas e estabelecem-se pontes dialógicas nas discussões referentes aos gêneros do discurso, pois ao trazer a releitura do estudioso russo para a sala de aula, repensa-se como as intervenções pedagógicas têm sistematizado os objetos de ensino.

Com a finalidade de rediscutir o que é proposto na sala de aula, ao tratamento destinado ao ensino de Língua Materna, pressupõe-se enxergar no trabalho com os gêneros do discurso as oportunidades de possibilitar a construção de enunciados ampliados e dialógicos com outros conhecimentos, produzindo, dessa forma, cartografias dialógicas em que as fronteiras entre o *dizer*, o *propor* e o *fazer* permitam ao transeunte discursivo e linguístico os lugares epistemológicos de enunciadore e enunciatários em uma proposta de ensino de língua contextualizada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRAIT, B. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo: dez obras fundamentais. In: **Guia bibliográfico da FFLCH/USP**. São Paulo, 2016. Disponível em: <bdpi.udp.br/single.php?id=002783877>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas. Unicamp, 1997.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 142-165, jul./dez., 2012. Disponível em: www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/10.pdf. Acesso em: 20 ago. 2018.

PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. In: **Revista de Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013. Disponível em: <periodicos.letas.ufmg.br>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289